

RELAÇÕES ABUSIVAS / E ASPECTOS PRIMITIVOS

Marina Abdalla de Souza Porto

Há pouco tempo ficamos perplexos com a notícia de que um homem, conhecido por cuidar de pessoas em suas dores mais profundas, em contrapartida, cometia abuso sexual. Durante o abuso dizia que era justamente aquela ação que tiraria a dor da pessoa. Centenas de mulheres foram violentadas e guardaram para si, sabe-se lá como, tal agressão. O silêncio, que por muito tempo protegeu o homem e maltratou tais mulheres, chegou ao fim.

A repercussão que essa história causou me fez pensar no silêncio de pessoas que não sofreram de fato esse tipo de abuso, mas se encontram em relações abusivas e não se dão conta disso. Quantas pessoas têm suas características mais marcantes e representativas de sua personalidade sendo diminuídas sem notarem a crueldade da qual estão sendo vítimas? Há ali um agressor e a pessoa nem se sente ameaçada. Será que não se sente? Não há mesmo naquela mente nenhuma desconfiança do que se passa? O que seria capaz de mantê-la em silêncio vivendo tal experiência? Pode-se chamar de silêncio algo que você quer a todo tempo fazer calar, fazer ter fim?

Ao falar de relação abusiva “silenciosa” me vem como ilustração o conto de 1697: o *Barba Azul*. Na versão fundida francesa e eslava (Estés, 1994), existia um homem com grande atração por mulheres. Cortejava três irmãs ao mesmo tempo, mas elas tinham pavor de sua barba com aquele estranho reflexo azul. Certa vez, convidou as irmãs e a mãe para um passeio na floresta. Enfeitou cavalos, contou-lhes histórias e serviram-se de deliciosas guloseimas. Viveram um dia maravilhoso.

“Bem, talvez esse Barba Azul não seja um homem tão mau assim.”

Tem sido frequente no consultório o surgimento de queixas, independentes de gênero, de que algo passa a acontecer durante o relacionamento modificando-o profundamente. A pessoa, antes satisfeita, passa a se sentir incomodada. Não entende o motivo, uma vez que o parceiro se demonstra gentil e cuidadoso. A visão incomoda-se com o reflexo reluzente de uma barba azul. A mente, porém, em seus recursos mais primitivos, oferece a negação como alternativa. Aquele insatisfeito passa a insistir consigo mesmo que essa barba não é tão azul. Há uma fantasia de alcançar um paraíso, de viver momentos maravilhosos como o dia na floresta que o conto relata.

Com a convivência de alguém funcionando como Barba Azul a pessoa fica mais fragilizada e passa a ter uma dependência emocional maior, pois conta com aspectos fantasiados do outro. “Ele é bom, ele cuida de mim” ou então “ele vai melhorar, com o meu amor isso do qual não gosto vai mudar”. Temos aqui o encontro dos contos *Barba Azul* e *O patinho feio*. Esse último conto, publicado pela primeira vez em 1845, remete ao desvalido.

Nas relações abusivas a pessoa se sente absolutamente imersa naquele mundo. Dificilmente, quando notado, conta para alguém o conflito que vive. Com frequência é alvo de ridicularizações do agressor. Assemelha-se ao patinho feio pois passa a ser o que não é, deixando de saber a magnitude do que se realmente é. O patinho feio vai de um lado

ao outro em busca de um lugar onde possa repousar. O instinto de vagarear até encontrar o que precisa funciona perfeitamente. Mas o que acontece conosco é o bater nas portas erradas mesmo depois de más experiências. Insistimos que a barba não é tão azul assim. Funcionamos segundo a compulsão à repetição. No meio do processo de recordação somos impelidos a repetir e voltar à estaca zero. Voltar ao carcereiro, ao lago gelado cercado de figuras diferentes que insistimos serem iguais.

Ah, e essa chavinha minúscula?

Barba Azul casa-se com a irmã mais nova. Depois de um tempo viaja e diz à esposa que ela pode usufruir das maravilhas do castelo em que moram e satisfazer qualquer desejo que seu coração tenha. Só não pode usar uma pequena chave.

A porta que essa chave abre é o elemento divisor de dois mundos no primeiro conto. Um mundo conhecido, e outro até então inimaginável, com ossadas e sangue. A porta seria a resistência no nosso psiquismo. Aquilo que nos impede de conhecer outro mundo, um mundo latente: ossadas “esquecidas” pelo recalque, o sangue das pulsões de vida e de morte. Nosso inconsciente trancado espera uma chance para se revelar.

A curiosidade surge aqui como questionamento. “Qual porta essa chavinha minúscula abre?” É a curiosidade sadia. A mesma dita por Zimerman (2008) que leva à indagação e ao autoconhecimento.

A clínica nos apresenta lindos cisnes se vendo como patinhos maltratados, alimentando assim um Barba Azul. Esse ‘patinho’ necessita de um alimento interno melhor. Se ele chega com uma chave minúscula, não podemos pestanejar. Atente-se para o fato de que na floresta, junto com as filhas

e o predador, estava a mãe das meninas. Ela também não viu perigo. E esse é o grande perigo. A dupla analítica está sempre em risco, porque pode também não ver qual é o predador. Tratamos o Barba Azul como predador externo, porém pode haver um predador interno que o alimenta. Nossas repetições são nossa grande ameaça. Por isso, precisamos da minúscula chavinha, e também de uma certa coragem para ver além da porta e assumir as consequências, podendo então vir a ser quem realmente se é.

REFERÊNCIAS

ESTÉS, Clarissa Pinkola (1994). Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco.

ZIMERMAN, David E (2008). Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão. Porto Alegre: Artmed.



Marina Abdalla de Souza Porto é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.